

José Luís Oreiro e Luiz Fernando de Paula analisam fracassos na economia brasileira

"Macroeconomia da estagnação brasileira" analisa intervalo que vai de 1999 até a crise de 2014-2016 e os anos posteriores

Por Diego Viana — Para o Valor, de São Paulo 04/06/2021 05h01 · Atualizado há 4 horas



José Luís Oreiro: seu livro com Luiz Fernando de Paula tem mérito do distanciamento — Foto: Luis Ushirobira/Valor

Se a primeira metade do século passado foi o tempo dos grandes ensaios sobre a formação e a essência do Brasil, talvez já se possa identificar nas últimas décadas a consolidação de outro gênero da não ficção brasileira. Este seria composto por obras sobre o fracasso, o "dar errado" do país. E, como o título não deixa mentir, "Macroeconomia da estagnação brasileira", de José Luís Oreiro e Luiz Fernando de Paula, se inscreveria entre elas.

No universo dos macroeconomistas e dos comentários de mídia, formou-se ainda um subgênero mais restrito e, até certo ponto, hermético: a discussão permanente entre ortodoxos e heterodoxos, aplicada à atribuição de culpas. Para uns, a estagnação do país é fruto de décadas de juros elevados e investimento estatal minguante. Para outros, é resultado de experimentos econômicos irresponsáveis. Nessa guerra de trincheiras, o conflito se estende e as posições pouco mudam.

O trabalho recém-lançado dos dois economistas (Oreiro é professor de economia da Universidade de Brasília, Paula, da Universidade Federal do Rio de Janeiro) tem o mérito de olhar para esse fogo cruzado com um certo distanciamento.

Na extensa lista dos livros dedicados ao desempenho decepcionante do Brasil, este é um dos raros que se dedicam a mostrar que, se desde a década de 1980 o país teve doses maiores ou menores tanto de ortodoxia quanto de heterodoxia econômicas, ambas falharam e tiveram consequências deletérias para o longo prazo da economia brasileira. Feita a constatação, o passo seguinte consiste em dizer que o problema do país deve ter raízes estruturais mais sérias.

Isto não significa que os autores encarem a trajetória do Brasil de uma posição neutra. Ao contrário, deixam explícito na introdução que se alinham a duas escolas: o keynesianismo, o que implica uma ênfase no caráter monetário da economia e, consequentemente, as forças de mercado não se dirigem espontaneamente a um equilíbrio eficiente; e o estruturalismo herdeiro de Celso Furtado e Raúl Prebisch, que enfatiza a condição periférica da economia brasileira e os efeitos dessa situação sobre o câmbio e demais variáveis.

Uma terceira corrente deixa sua marca: o novo-desenvolvimentismo proposto por Luiz Carlos Bresser-Pereira (FGV-SP), prefaciador do livro. Se uma obra tem uma palavra-chave, a de "Macroeconomia da estagnação brasileira" certamente será "inconsistência", definida a partir da obra do macroeconomista holandês Jan Tinbergen (1903-1994) como o desencontro entre os objetivos da política econômica e suas ferramentas. Embora só uma das divisões cronológicas traga, de fato, a inconsistência no título, o descompasso entre os objetivos e os instrumentos da política monetária é a tônica de todos.

Desde ao menos 1999, o governo e o Banco Central oscilaram entre objetivos conflitantes: o controle da inflação e da dívida pública, a recuperação do crescimento, a competitividade do câmbio, a redução dos juros, a melhoria dos salários.

A análise é delimitada ao intervalo que vai de 1999, quando a âncora cambial dos primeiros anos de Plano Real é abandonada, até a crise de 2014-2016, com alguns comentários e previsões para os anos posteriores. O período coincide com o coração da dita Nova República, a fase de ouro do Plano Real e da democracia instalada nos anos 1980.

De certa forma, é também uma história do tripé macroeconômico (metas de inflação, câmbio flutuante, superávit fiscal), adotado em substituição à taxa de câmbio como forma quase única de controle das variáveis macroeconômicas, mas pouco a pouco enfraquecido até o momento em que a profunda recessão virou a economia toda de cabeça para baixo - e junto com ela a política.

O primeiro capítulo traça um panorama das idas e vindas das políticas macroeconômicas brasileiras desde a adoção do tripé. Do ponto de vista dos embates entre economistas e da interpretação desse período histórico recente, pode-se dizer que é o principal capítulo.

O segundo e o terceiro olham em mais detalhe para a política monetária e o crédito, respectivamente, fornecendo alguns elementos de diagnóstico que podem ajudar a buscar saídas para a aporia econômica nacional. O quarto e último capítulo esboça uma leitura dos anos mais recentes, com as políticas de Michel Temer e Henrique Meirelles e, em seguida, Jair Bolsonaro e Paulo Guedes.

Os autores dividem o intervalo analisado em quatro fases, não como períodos fixos e bem delimitados, mas como princípios a reger a política econômica: o tripé rígido,

vigente de 1999 até aproximadamente 2006; o tripé flexibilizado, que atravessou a crise financeira global de 2008 e se somou, logo em seguida, à nova matriz econômica; e em seguida o "desenvolvimentismo inconsistente", sobretudo no primeiro governo de Dilma Rousseff, que redunda nos anos da grande recessão, a partir de 2014, com uma tentativa de retorno forçado à ortodoxia mais rigorosa.

À parte a constatação de alguns erros grosseiros, a narrativa de Oreiro e Paula permite enxergar as mudanças de políticas como reflexos das limitações inerentes a cada uma. Ou, para empregar o vocabulário do livro, suas inconsistências. Portanto, discutir as decisões tomadas pelas sucessivas equipes econômicas meramente em termos de alinhamento ideológico, como tem sido muitas vezes o caso, é empobrecedor.

Como na maioria das leituras do passado recente do Brasil, as palavras mais duras são reservadas à política econômica de Dilma e Guido Mantega, que recebe a nada lisonjeira alcunha de "biruta de aeroporto" ou, mais tecnicamente, "desenvolvimentismo inconsistente". Foi aí que se tentou ao mesmo tempo reduzir a inflação, acelerar o crescimento, baixar os juros praticados no país e distribuir renda.

Os autores retratam um cenário em que a equipe econômica aperta todos os botões ao mesmo tempo e envia sinais desconexos aos agentes econômicos. No momento em que a maré do cenário externo se torna negativa para o Brasil, após o longo período favorável do que Oreiro e Paula denominam "mini-boom do crescimento" de 2013 a 2014, o país estava em péssimas condições para suportar o impacto.

A recessão foi acompanhada por um retorno sumário à ortodoxia, com Joaquim Levy no Ministério da Fazenda. Para Oreiro e Paula, os cortes drásticos de gastos e investimentos não lograram nem recuperar a confiança do empresariado nem gerar equilíbrio fiscal.

A proposta de voltar aos superávits primários paulatinamente, por meio do teto de gastos, é vista com mais simpatia, mas sua rigidez é considerada inconsistente, já que reproduz os mesmos problemas de depressão no investimento, abandono da capacidade de modernizar a produção e sacrifício de bem-estar da população que existiram em outros momentos, sobretudo os mais ortodoxos.

O último capítulo comporta um complemento às análises, tratando do projeto do governo Bolsonaro e Guedes. Escrita provavelmente nos primeiros meses de 2020, a análise não tem como incorporar o enorme impacto da pandemia sobre as variáveis macroeconômicas. No entanto, fica de pé o diagnóstico geral apresentado nas páginas finais: os problemas estruturais que afligem o país seguem incólumes, perante a sucessão de políticas e reformas.

Macroeconomia da estagnação brasileira José Luís Oreiro e Luiz Fernando de Paula Alta Books, 192 págs. R\$ 59,90

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO

Esta joelheira pode trazer seus joelhos de volta aos 20 anos

KNEE ELITE

LINK PATROCINADO

O tênis mais vendido de 2021 agora com 70% de desconto.

AIR PRESTO

LINK PATROCINADO

Inmetro aprova venda de robô autônomo que limpa piscinas, confira aqui

ROBÔ LIMPADOR DE PISCINA

LINK PATROCINADO

Máscara transparente com design suíço vira moda e lidera vendas em 2021

CLEARMASK

LINK PATROCINADO

A máquina mais eficiente da Europa acaba de chegar em Rio De Janeiro

MAXSHAVE

LINK PATROCINADO

Conheça as novas máscaras recomendadas atualmente

LOJA INTERATIVO

Mais do Valor Econômico

Apesar de "lockdown", Taiwan eleva previsão de crescimento do PIB para 5,46%

Expansão deve ser mais rápida do que o esperado anteriormente porque as exportações estão em alta, apontou agência de estatísticas; economia cresceu 8,92% no 1º trimestre



04/06/2021 09:28 — Em Mundo

Rio Tinto nomeia ex-ministro de assuntos aborígenes como diretor

Anúncio vem no momento em que mineradora tenta melhorar relações com donos de terras indígenas após a destruição de locais históricos



04/06/2021 09:21 — Em Empresas

Apple prepara equipes e escritórios para modelo de trabalho híbrido

Funcionários que eles devem retornar ao seu local de trabalho três dias por semana a partir de setembro



04/06/2021 09:20 — Em Empresas

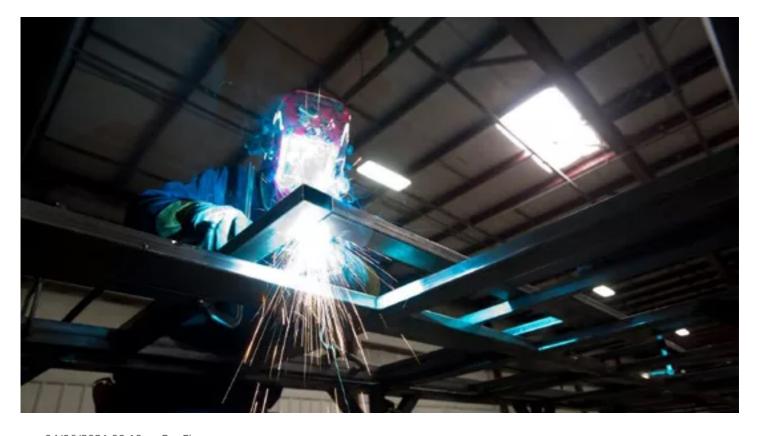
Reino Unido: Atividade da construção sobe a ritmo recorde em maio

Índice PMI do setor avançou a 64,2, de 61,6 em abril



04/06/2021 09:14 — Em Mundo

O que olhar nos dados do mercado de trabalho dos EUA



04/06/2021 09:10 — Em Finanças

Zona do euro: Vendas no varejo caem 3,1% em abril, mais que o esperado

Projeção de economistas era de um recuo mais suave em relação a março, de 1,0%



04/06/2021 09:08 — Em Mundo

Patrocinadores japoneses pressionam por novo adiamento da Olimpíada de Tóquio

Patrocinadores tentam convencer os organizadores a adiar os Jogos Olímpicos para o final de setembro ou o início de outubro, mas ainda persiste ideia de realização no fim de julho, como previsto



04/06/2021 08:58 — Em Mundo

Pais com filhos em casa e pessoas casadas querem voltar ao escritório

Trabalhadores querem que a flexibilidade continue quando a pandemia acabar



04/06/2021 08:49 — Em Carreira

VEJA MAIS